



Ronaldo Werneck

Há Controvérsias

Afonso, Banana, Garrincha, Lúcio Alves & Sylvinha Telles

Meses depois do porre negro romano de 1979, e já no Rio, convido o Tião e o Afonsinho (que acabara de chegar da Itália) para uma feijoada lá em casa, num apartamento da Tijuca onde eu morava na época. Foi o quarto porre negro. Isso porque, feijoada sem batida de limão, como bem o sabeis, “dá cadeia”. Lá pelas tantas da noite, resolvo dar uma carona pro Afonsinho (o Tião já fora embora), que estava na casa de sua irmã



Marluce, no Leblon. Demos uma parada estratégica num botequim da Praça da Bandeira, *soltanto* pra abastecer. Só me lembro que o que aconteceu foi depois de o Afonsinho contar umas histórias das peladas que jogara com o Garrincha (e também com o Chico Buarque) quando a Elza Soares morava em Roma.

O boteco, àquela altura, estava cheio de bebuns das mais variadas estirpes, um ambiente que vou te contar. Afonsinho foi ao banheiro e na volta tropeçou num deles, um sujeito imenso e mal encarado. Tanto que não se fez de rogado: não aceitou as desculpas e partiu logo pra cima do nosso baterista. Eis que surge do nada um negão pra-lá-de-pra-lá-de-grande, que segura o outro e manda essa, inacreditável: “aqui ninguém parte pra cima de amigo do Mané Garrincha, que eu parto logo na porrada”. Ufa, pagamos umas cervas pro nosso novo e nobre amigo, e demos no pé. Dessa vez não teve pão com salame, mas o susto foi grande. Qualé, qualé! Viva nossas pernas tortas, viva o Mané!

Corta para Cataguases, final dos anos 1980. Já vai pra mais de meia-noite de um domingo quando entramos em meu carro rumo ao Rio. Ao meu lado, Afonsinho – em definitivo no Brasil, após quase vinte anos na Itália – diz que seu gosto pela música veio de seu tio Vadinho, que tocava sax como ninguém, e gostava muito de jazz. Fala de sua bateria, que ficou em Roma, e de um festival de jazz onde tocou com Tony Scott, um dos

ídolos de Billie Holiday. Lembramos então do Edson Machado, o Edson Maluco, e daquele seu solo de bateria antológico na gravação de Nara para a música Opinião, de Zé Kéti.

E também do ator Sal Mineo, canastríssimo, no papel do baterista Gene Krupa, um dos ídolos do Afonsinho e de outros bateristas – do Tião, é claro, do Milton Banana, do Edson Machado, do Reizinho da Bateria, do Robertinho Silva e também do nosso grande amigo Juquinha – que além de baterista foi jóquei e marceneiro dos melhores. Acho que, à exceção do Robertinho, toda essa gente já se encontra no rol dos “saudosos” – como, aliás, a grande maioria dos nomes citados nessa série de crônicas.

Entramos em Teresópolis para um café com coca-cola: vão longe, e para sempre, os tempos etílicos – aqueles memoráveis porres negros. São quase três da manhã e o bar está cheio. Um cidadão que está tomando uísque volta-se pra mim e diz, solene: “Vi tua mulher ontem no Golf Club. Ela anda bebendo muito”. Toma um trago e olha pro Afonsinho: “Não tava te conhecendo. Sabe que eu votei em você? Pois é, eu também sou PMDB”. Detalhe: nunca havíamos visto aquele sujeito. Afonsinho sorri e diz: “É incrível nossa capacidade pra atrair malucos”. Bingo!



Mas malucos mesmo, malucos por música de qualidade, foram aqueles três personagens inefáveis que se responsabilizaram por boa parte do melhor som produzido no Rio dos anos 1990 – o trio formado pela bateria de Afonso Vieira, o piano de Chiquinho Neto, um dos melhores instrumentistas da noite carioca, e o baixo (e a voz) do saudoso Manuel Gusmão, o baixista nº 1 da bossa nova, desde que se abriram os clubes do Beco das Garrafas, além de fundador do famoso Copa

Trio. Pois foi esse o Trio que sugeri à pianista clássica Lilian Barretto para incluir em seu Projeto “Música da América”, que aconteceu no CCBB-Rio em 1992.

Dito e feito. Sob o título “Clássicos do Jazz”, o trio Afonso-Chiquinho-Gusmão mandou ver no palco do Teatro Il do CCBB, numa das melhores e mais aplaudidas performances do Projeto “Música da América”. Foram muitos os standards do jazz apresentados num show de quase duas horas naquela noite de 05 de setembro de 1992. Editei trechos do show mais que memorável do Trio, que se encontram no vídeo “Clássicos do Jazz” (link a seguir), destacando músicas como “There’s A Small Hotel”, de Richard Rogers e Lorenz Hart; “Don’t Ge Around Anymore”, de Duke Ellington e Bob Russell; e “Route 66”, de Bobby Troup. Um show “da pesada”, como se dizia naquele tempo, com Afonsinho solando como nunca na batera.

Ao longo desses últimos três meses desde a morte de meu amigo, e enquanto começava a estruturar essa série de crônicas, a imagem do Afonsinho permanecia viva e me assolava a sua lembrança a cada momento. Nossos muitos risos, suas muitas performances, lances que surgiam do nada, como se soubessem que eu estava envolvido na escritura dessas linhas, e assomado pela saudade. Como os três cds da Coleção Folha

50 Anos de Bossa Nova, comprados ao acaso em Paraty durante a última Flip, e que vieram rodando em meu carro.

Um deles, com o Milton Banana Trio e sua bossa-jazz, me levou de volta a Copacabana, ao “200 da Barata Ribeiro” e ao Tião e ao Afonsinho. Milton, que acompanhou Tom Jobim e João Gilberto desde o início da bossa nova foi, na verdade, o criador da “batida diferente” que acompanhava, no bar do Hotel Plaza, a revolucionária batida do violão que João aplicava aos sambas de Caymmi, Ary Barroso, Geraldo Pereira e dele mesmo. No encarte do disco, Ruy Castro escreve: “É a Milton Banana que se deve, não apenas o típico teque-teque da bateria da bossa nova, mas todo o colorido rítmico e a intensa variedade de tempos que o ritmo exigia”. Vinte anos depois que Milton Banana me perguntava sobre a Bolsa de Valores naqueles tempos do “200”, eu o encontrei tocando – para ninguém! – num soturno inferninho do *bas-fond* de Copacabana.

Foi nessa época que o Milton andou morando de favor num quarto de fundos do apartamento de minha amiga Míriam, uma professora de português de “escolas de escol” do Rio. Míriam era uma pessoa séria e recatada, que adorava música e literatura: tenho até hoje uma edição bem cuidadíssima da Divina Comédia, fartamente ilustrada por Gustavo Doré, que ela me presenteou. Bem, Míriam era recatada até que tomava umas e outras no Licks Bar, o botequim em frente ao apartamento onde eu morava na Constante Ramos, nosso “escritório”, meu e de toda a turma da rua. Aí, meus caros, saiam todos de baixo: ela se transformava na “Míriam Camburão” e botava pra quebrar. Coisas da Copacabana daqueles tempos de nunca mais.

Mesmo ajudado pelo cantor e compositor Mário Telles, irmão da Sylvinha, que organizou um show beneficente para ele, Milton Banana morreu em maio de 1999, após graves problemas circulatórios provocados pela diabetes (teve uma perna amputada numa cirurgia no mês anterior). Segundo Ruy Castro, no velório chamou a atenção uma coroa de flores com os dizeres: “A Milton, a quem o Brasil não homenageou, nem reconheceu. Ass: Todos os músicos do Brasil”. Soube-se depois que a coroa teria sido enviada por – quem mais? – João Gilberto.

Outro cd comprado em Paraty foi do nosso conterrâneo, o saudoso cataguasense Lúcio Alves, de quem eu e Afonsinho tanto gostávamos (e o João Gilberto também; Lúcio era um de seus ídolos). Lembro de alguns de nossos papos. Eu, Afonsinho e o Lúcio, décadas e décadas atrás, num botequim da Urca, nas proximidades da TV-Tupi, onde Lúcio era diretor. Nossa conversa girava quase sempre sobre o Festival de Música Popular Brasileira de Cataguases que eu e o Joaquim Branco estávamos organizando em 1969 – e Lúcio Alves nos deu uma grande força para a realização.



E parece que está acontecendo ainda agora aquela viagem de tempos depois, quando viemos num táxi do Rio para o Festival – eu, Lúcio e a saudosa cantora (e “certinha” do Stanislaw Ponte Preta) Luely Figueiró. Lúcio era um dos jurados (ou o presidente do Júri?) e Luely iria defender uma das músicas, “Momento”, exatamente uma parceria do Afonsinho com o também saudoso compositor cataguasense Messias. Enquanto o táxi subia a Serra de Petrópolis, Luely e o – também ele! – saudoso Lúcio Alves parodiavam

Tom Jobim em sincopados semitons: “Minha alma canta/ *deixo* o Rio de Janeiro/ *já* estou morrendo de saudade”. E emendavam com aquela valsa-maravilha-de-uma-cidade-maravilhosa, aquele campo/contracampo cinematográfico de Ismael Netto e Antonio Maria: “Vento do mar e o meu rosto ao sol/ a queimar, queimar. /Calçada cheia de gente a passar/ e a me ver passar”. Realmente, essas crônicas estão se transformando num festival de saudosos, e nos deixam aqui morrendo de saudade.

O terceiro cd que comprei era da Sylvinha Telles, que foi quem levou o Afonsinho pro Rio, após vê-lo tocando uma noite em Cataguases. Não conheci a Sylvinha, que morreu muito cedo, mas sim seu irmão Mário Telles, o autor da bela canção *Nanã*, em parceria com Moacir Santos: “Nesta noite nos delírios meus/ Vi nascer um novo amanhã/ Veio o dia com um novo sol/ Sol da luz que vem de Nanã”. Afonsinho e eu nos encontrávamos às vezes com o Mário na Copacabana dos anos 1990, em longos papos que começavam no Bar El Cid, na Rua Viveiros de Castro, e se estendiam Barata Ribeiro e noite afora até as proximidades de seu apartamento na esquina da Rua Paula Freitas. Numa dessas noites, Mário me presenteou com um de seus cds onde canta várias canções de Baden Powell com Vinicius e duas de sua parceria com Baden (*Aurora de Amor* e *Tristeza vai embora*), além de *Nanã*. E nessas e em outras ocasiões Mário (morto em 2001, mais um “saudoso”) sempre dizia pro Afonsinho como sua irmã falava bem dele e de sua bateria.



Sylvinha Telles foi umas das “inventoras” do canto cool da bossa nova, ao lado de João Gilberto, de quem, aliás, foi namorada. Seu cd é praticamente dedicado a Tom Jobim (ela talvez tenha sido a cantora que mais gravou músicas do Tom) e traz na faixa de abertura um impecável “Dindi”, canção que ficou mais conhecida em sua voz. “E o vento que fala nas folhas/ contando as histórias/ que são de ninguém/ mas que são minhas/ e de você também”. Ouvindo agora, percebo que Dindi tem a ver com essas histórias que são minhas e do Afonsinho também. Certa vez, perguntada qual foi seu maior sucesso, Sylvinha respondeu: “Dindi. Indiscutivelmente”.

Mas o disco de Sylvinha conta também com “Canção da volta”, de Ismael Neto. E ouvindo Sylvinha cantar os versos de Antonio Maria (“meu lugar é aqui/ faz de conta que eu não saí”) revém a lembrança das palavras do Afonsinho em 1993, após a execução de nossa música *Vermelho Cais* no palco do Festival em Cataguases, que homenageou exatamente, olhaí, o “saudoso” Lúcio Alves, morto meses antes: “eu fui (*para a Europa*), mas voltei. Meu lugar é aqui”. Será que foi inconsciente, ou meu amigo estava “citando” a gravação da Sylvinha? Ou, mais uma vez, eu estou pirando na batatinha?

Link para Clássicos do Jazz

<https://www.youtube.com/watch?v=V7yoYOoo2s>

Continua na próxima semana